

DO ESSENCIALISMO AO DESCONSTRUTIVISMO: um breve balanço das pesquisas brasileiras sobre homossexualidade e suas interseções com as categorias de corpo e gênero

Marcelo Miranda¹
Rosane Alencar²

Resumo

Este texto retrata caminhos delineados por pesquisas sobre homossexualidade e suas interseções com corpo e gênero em estudos brasileiros, buscando evidenciar as orientações teóricas e metodológicas dessas pesquisas e situá-las no campo das Ciências Sociais. A busca da literatura teve como ponto de partida pesquisas pioneiras sobre a homossexualidade e, a partir desta busca inicial, a localização de estudos subsequentes em livros, artigos, teses e dissertações sobre a temática no campo das Ciências Sociais. Nossos resultados apontam, no que diz respeito às abordagens teórico-metodológicas, que há uma inteligibilidade social predominante das abordagens construtivista e desconstrutivista na compreensão da sexualidade e, com relação ao campo das ciências sociais, há uma maior concentração dos estudos na área antropológica, seguida pela sociologia e, por fim, pela psicologia social e sociolinguística.

Palavras Chaves: Inteligibilidade Social. Construtivismo. Desconstrutivismo. Homossexualidade. Corpo e Gênero.

¹ Professor do Centro Acadêmico do Agreste/UFPE. Tem interesse em epistemologia, gênero e sexualidade. E-mail: mm.marcelohenrique@yahoo.com.br

² Professora da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Tem interesse nas áreas de metodologia da pesquisa qualitativa, teoria social e ensino de Sociologia. E-mail: rosanealencar@gmail.com

FROM ESSENCIALISM TO THE DECONSTRUCTIVISM: a brief balance of Brazilian research about homosexuality and its intersections with body and gender categories

Abstract

This text remakes paths outlined by research about homosexuality and its intersections with body and gender in Brazilian studies, seeking to show the theoretical and methodological guidelines for these research and located them in the Social Sciences field. The literature search had as a starting point pioneering research about homosexuality and, from this initial search, the location of subsequent studies in books, articles, thesis and dissertations on the subject in the Social Sciences field. Our results show there is a predominant social intelligibility of constructivist and deconstructivist approaches in the understanding of sexuality, with regard to theoretical and methodological approaches, and with respect to the social sciences field, there is a higher concentration of studies in the anthropological area, followed by sociology and finally the social Psychology and sociolinguistics.

Keywords: Social intelligibility. Constructivism. Deconstructivism. Homosexuality. Body and Gender.

Ao retratar os caminhos que algumas das pesquisas sobre homossexualidade e suas interseções com corpo e gênero vêm assumindo nos estudos brasileiros, mais especificamente no campo das Ciências Sociais, o presente texto possibilita, em um primeiro momento, a indicação dos aspectos socioculturais da construção desse campo a respeito da referida temática; em seguida, possibilita evidenciar as principais orientações teóricas e metodológicas assumidas; e, por último, a visualização da diversidade contemporânea apresentada nesses estudos, ao tratar dessas categorias na materialização e/ou denúncia de uma estrutura de inteligibilidade heterossexual compulsória e normativa no campo disciplinar das Ciências Sociais.

Vale a pena destacar que a denúncia e/ou a desconstrução dessa estrutura de inteligibilidade heteronormativa estão vinculadas às percepções: i) da performatividade de gênero, pois homem e mulher são categorias ficcionais, dicotômicas, hierarquizadas e excludentes; ii) da maneira como esses corpos são categorizados como machos, como fêmeas, humanos, “sadios” e “normais” e outros são situados como corpos abjetos, isto é, na contramão da “norma” ontológica, como no caso de transgêneros e transexuais; e iii) na paródia corporal como ação política, uma vez que quando as travestis e as *drags queens* parodiam o corpo e o gênero feminino, abrem espaço para as diferenças na busca da semelhança dos corpos

parodiados. Tal ação desnaturaliza a generificação que assume estatuto de verdade em relação ao corpo, ao gênero e à sexualidade.

Na direção acima explicitada, Heilborn (1999) nos expõe os vários motivos que acabaram privilegiando a sexualidade como um campo de estudo na contemporaneidade para as Ciências Sociais. Na compreensão dessa temática é necessário perceber que a sociedade ocidental do final do século XX elegeu questões relativas à intimidade, à vida privada e à sexualidade como centro de reflexões sobre a construção da pessoa moderna. Nessa perspectiva, duas faces compõem a personagem do indivíduo moderno:

[...] uma delas refere-se à sua constituição como sujeito político, livre, autônomo, portador de direitos de cidadania [...]; a outra alude à sua fabricação subjetiva, por múltiplos dispositivos disciplinares, que tornam as experiências do gênero e da sexualidade centrais para a constituição das identidades. Ressalte-se que tal concepção de sujeito é originária de uma determinada percepção cultural, temporal e historicamente marcada, que se espalha nas diferentes sociedades de modo também desigual (HEILBORN, 1999, p. 08).

Em relação aos dispositivos disciplinares, Foucault (1997) analisa como o mundo moderno centra sua atenção sobre a sexualidade elegendo, por meio da ciência médica (conhecimento e poder), o que seria “normal” e o “anormal”. Dispositivo, como objeto da descrição genealógica, decorre da necessidade da análise de poder, na relação entre o discursivo e não

discursivo. Ele é “rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regramentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito” (CASTRO, 2009, p. 124). Sendo assim, o dispositivo da sexualidade é um dispositivo político, constituindo sentidos, que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Essa articulação disciplina o corpo humano sobre suas materialidades, funções e processos fisiológicos, sensações, desejos, prazeres etc.

Nessa genealogia do dispositivo da sexualidade pode-se destacar que na Idade Média os indivíduos que mantinham relações sexuais com pessoas do mesmo sexo eram concebidos como pecadores, e a partir do final do século XIX esses indivíduos ganham estatuto social de doentes, pervertidos, e se tornam homossexuais.

Vale a pena ressaltar que embora esses sentidos sejam problematizados pela Teoria Social alguns permanecem até hoje materializados, ou condensados, em um primeiro momento por meio da heterossexualidade compulsória e no momento seguinte por meio da heteronormatividade (BUTLER, 1999, 2003, 2006). Ou seja, “admite-se” certa homossexualidade desde que se tenha como referência os comportamentos heterossexuais.

Além das proficuas contribuições foucaultinas para o referido campo teórico, outros fatores contribuíram para impulsionar os estudos sobre a

sexualidade, um deles, na década de 1960, foi o uso da pílula como método anticonceptivo que conseguiu separar procriação e prazer. Outro aspecto que colaborou para o aumento das pesquisas a respeito da sexualidade teve relação com o surgimento da epidemia do HIV/AIDS, na década de 1980 (HEILBORN, 1999; LOYOLA, 1999).

Um terceiro fator na construção desse campo de conhecimento sobre a sexualidade está relacionado aos Estudos de Gênero. Heilborn (1999), ao analisar a trajetória dos estudos relativos à sexualidade, afirma que houve um aumento expressivo destes a partir dos estudos sobre gênero e que esse campo mantém uma relação íntima com a sexualidade, cujo desenvolvimento está estreitamente ligado aos movimentos sociais (feminismo e de liberação homossexual).

Concomitantes aos fatores indicados acima temos as abordagens epistemológicas que influenciam na construção do referido campo de estudo. Nesse sentido, as produções teóricas em relação ao corpo, gênero e sexualidade seguiram as tendências do debate entre o essencialismo e o construtivismo (HEILBORN, 1999; LOYOLA, 1999); e, excedendo o referido debate, surgiu a tendência do desconstrutivismo. Vale ressaltar que essas três abordagens produzem debates entre si e/ou problematizam a produção específica de cada uma delas.

Dessa forma as pesquisas, tendo como pressupostos epistemológicos

o essencialismo, buscam retratar a sexualidade como intrínseca à natureza humana, algo pertencente ao reino animal. Seriam os instintos sexuais ou a energia sexual quem poderia explicar comportamentos distintos nos/entre os gêneros masculino e feminino.

No viés dessa tendência, essas pesquisas tentariam “explicar” a origem da homossexualidade: i) como resultante da falta ou excesso de cromossomos, ii) tendo como referência a medição do crânio, iii) a partir do quantitativo da produção de hormônios corporais etc. Essa explicação assume uma dimensão de mecanismo fisiológico em relação à reprodução humana, ou adquire o sentido de uma pulsão, de um instinto sexual. Nesse caminho, as identidades seriam autoevidentes e fixas, ou seja, a explicação das diferenças entre os sexos, gêneros e sexualidades se faria tendo como base a “natureza” ou a biologia.

Contrariamente ao essencialismo, na perspectiva do construtivismo social (BERGER & LUCKMAN, 2000), assume-se que gênero e sexualidade são construções sociais, culturais, políticas e históricas dos indivíduos sobre um corpo biológico, naturalizado. Compreende-se assim que os seres humanos necessitam de um aprendizado social na coordenação de sua atividade mental e corporal para saberem “de que maneira, quando e com quem agir sexualmente” (BOZON, 2004, p. 14). Essa construção social da sexualidade passa pela socialização de regras pertencentes a teias

de significados internalizados e condicionantes dos indivíduos.

Na perspectiva do desconstrutivismo há uma ruptura da dicotomia entre essencialismo e construtivismo. Essa perspectiva aponta limites das abordagens anteriores propondo uma análise que exceda formas dicotômicas de produzir o conhecimento tais como natureza/cultura, corpo/gênero etc. Esse viés, que excede a produção de conhecimento por meio de pares dicotômicos, está presente nas pesquisas contemporâneas focadas nos transgêneros e transexuais, ultrapassando as tendências dos estudos de comunidades homossexuais que terminavam por assumir um fundamento epistemológico que, sem se dar conta, reforçava o estatuto da heterossexualidade como normal e o da homossexualidade como desviante e complementar da heterossexualidade como natural (GAMSON, 2010).

Nesses indivíduos transgêneros e transexuais, a paródia corporal assume uma dimensão política que denuncia a ficcionalidade das categorias dicotômicas de sexo, gênero e sexualidade, indicando como a própria heterossexualidade vem a ser também uma construção sócio-histórica.

Os teóricos representantes dessa perspectiva, que denunciam a ficcionalidade das categorias dicotômicas, geralmente estão associados ao paradigma Pós-Estruturalista e à Teoria *Queer* ao problematizar os pares categoriais: macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual. O foco recai na desestabilização da estrutura de inteligibilidade dicotômica e

antagônica que concebe o primeiro termo desse par como hierarquicamente superior na relação com o segundo. Tal abordagem desestabiliza as referidas categorias – dadas como naturais pelos atores sociais – além de descartar a ideia de um fundamento a-histórico, questão central da crítica ao paradigma Estruturalista.

A proposta de desconstruir a ideia de centro, de fundamento ou de princípio, ganhou uma contribuição importante a partir de Jacques Derrida (1995). Esse autor propôs o descentramento da estrutura do significado transcendental e do sujeito soberano ao questionar a estruturalidade da estrutura ou a ideia de centro na produção de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais. Derrida expõe que se podem distinguir duas interpretações de estruturas: uma em que o autor está fora do jogo e outra, empregada pelos pós-estruturalistas, em que o autor não tem como escapar da estrutura.

Outro ponto questionado por Derrida, seguindo Nietzsche, Heidegger, e Saussure, diz respeito aos pressupostos que orientam o pensamento binário. O autor utiliza a desconstrução para denunciar e reverter as hierarquias surgidas nas oposições binárias que levam sempre a uma subordinação de um dos termos da oposição binária ao outro (PETERS, 2009).

Nesse sentido, o Pós-Estruturalismo produz uma virada epistemológica por meio da crítica à ciência mecânica clássica e ao dualismo

de origem etnocêntrica que elege a Razão Humana de um lado, e “de outro, todo o resto, inclusive o corpo humano em uma concepção cartesiana clássica” (MARTINS, 2007, p. 4).

Como mencionado, esses pressupostos dualistas podem ser observados nas produções da Teoria Feminista em uma perspectiva estruturalista e nos Estudos Gays e Lésbicos que seguem os pares dicotômicos hierárquicos de homem-mulher, heterossexual-homossexual, atividade-passividade. Vale ressaltar que esses pares dicotômicos são problematizados por Judith Butler (2003) e por teóricos pertencentes à Teoria *Queer* (GAMSON, 2010; LOURO; 2004; MISKOLCI, 2009; PRECIADO, 2003).

Assim a virada epistemológica, no campo das Ciências Humanas, contribuiu para uma reorganização de paradigmas, possibilitando repensar dimensões hermenêuticas e fenomenológicas da ação social, da política, do simbolismo e da linguagem (MARTINS, 2007). É a partir dessa reorganização paradigmática que Butler (1987, 2003, 2008) propõe a descolagem das categorias sexo, gênero e sexualidade. A autora afirma que essas “identidades” são criações performatizadas, ficcionais e efeitos de instituições, discursos e práticas que não deveriam ser encarados de formas ontológicas.

Nesse caminho, o percurso feito pelas pesquisas sobre sexualidades até chegar à perspectiva *queer* se deu a partir de abordagens quantitativas

(de inspiração essencialista) e abordagens qualitativas. No campo das abordagens qualitativas, Gamson (2010) expõe que o estudo das sexualidades teve cinco momentos: relatos colonialistas das experiências de campo, focando nas interpretações confiáveis e objetivas; pesquisas com apresentações de narrativas causais; limites porosos entre ciências sociais e humanidades em que a voz do pesquisador não era mais a voz privilegiada nas interpretações; “crise de representação”, em que se questionava se os estudiosos qualitativos podiam apreender a experiência vivida; e, por fim, o que Gamson denomina de momento pós-moderno, em que as “grandes teorias” e o conceito de pesquisador distante saíram de foco.

Ainda dentro do universo qualitativo e como dito anteriormente, os estudos sobre comunidades homossexuais concebidos como “minorias” objetivavam compreender a constituição do seu *ethos* homossexual. Essas pesquisas terminavam contribuindo para fortalecer crenças hegemônicas ou criavam subáreas disciplinares, mantendo a homossexualidade como objeto marginalizado no campo de produção de conhecimento da Sociologia e da Antropologia.

No entanto, os Estudos *Queer* propuseram desviar o foco das comunidades específicas e da fixidez das identidades homossexuais, voltando-se mais para os processos de categorização social e as possibilidades da desnaturalização e ou desconstrução dessas categorias teóricas e empíricas.

Assim, levando em consideração os diversos fatores abordados acima, pergunta-se: a produção do conhecimento nesse campo, no Brasil, apresenta que tendências, em termos de perspectivas teórico-metodológicas, quando as temáticas relacionadas à sexualidade e às homossexualidades são estudadas?

Buscando responder a indagação acima, deparamo-nos com diversos estudos desenvolvidos no campo das Ciências Humanas e Sociais no Brasil ao nos debruçarmos sobre a literatura relacionada à sexualidade e às homossexualidades. A busca foi realizada sob um viés histórico com vistas à localização das pesquisas pioneiras sobre as homossexualidades; e em seguida, a partir da leitura dessas pesquisas, procedemos à localização dos estudos subsequentes com o foco na homossexualidade e sua relação com a abordagem desconstrutivista.

No conjunto, encontramos vinte pesquisas que tiveram por objeto de estudo as categorias de sexo, gênero e sexualidade. Todas as pesquisas situadas nas abordagens construtivistas e desconstrutivistas sobre as homossexualidades podem ser agrupadas em três áreas temáticas recorrentes: 1. homossexualidade masculina; 2. transexualidade/transgeneralidade; 3. homossexualidades e *mídia*.

A homossexualidade e suas interseções com as categorias de corpo e gênero

Percebemos que as pesquisas sobre, como diria Foucault (2003; 2007), as sexualidades “disparatadas”³ concentram-se mais nos temas homossexuais masculinos – sete estudos – e transexualidade e transgeneralidade com dez estudos; e, por fim, o tema das homossexualidades e *mídia* aparecem com três estudos. Na sequência, apresentamos as pesquisas a partir dessa classificação temática com o foco nas questões centrais abordadas, metodologias empregadas e respectivas disciplinas em que tais pesquisas foram realizadas. Importante ressaltar que nosso objetivo é evidenciar as abordagens teórico-metodológicas adotadas nesses estudos tendo como referência a perspectiva desconstrutivista em seus desdobramentos por meio da denúncia da heteronormatividade, da performatividade, da generificação dos corpos, da abjeção e da paródia corporal como estatuto político.

1. Homossexualidade Masculina

Um dos trabalhos pioneiros a respeito da homossexualidade masculina é o de Silva (2005), sob a orientação de Florestan Fernandes. O estudo sociológico situado na perspectiva da Escola de Chicago focou

³ Termo reapropriado por Richard Miskolci (2007) ao propor uma lógica *Queer* na produção de conhecimento nas pesquisas brasileiras sobre homossexualidade. Como dito antes, a lógica *Queer* se propõe a desconstruir a inteligibilidade heteronormativa contida como pressuposto na produção do conhecimento sobre a sexualidade.

na análise dos espaços de socialização de homossexuais em São Paulo, na década de 1950. O método utilizado para encontrar participantes da pesquisa – homens de camadas médias e não afeminados – foi a “bola de neve”. O autor aplicou questionários versando sobre questões como: as primeiras experiências homossexuais; o processo para encontrar outros homossexuais; os tipos de amizades e de parceiros que tinham; e como a família e a sociedade viam sua orientação sexual.

Em relação a seus resultados, o destaque foi dado à questão da atividade e passividade: no intercuro sexual, 63% (maioria dos informantes) assumiam o lugar de “passivos” e 27% desenvolviam o papel de “ativo” e “passivo.” Vale ressaltar que o referido estudo, respeitando seu contexto teórico, histórico e social, termina sendo uma pesquisa que pode ser categorizada como estudos de comunidades homossexuais. Sendo uma de suas principais características a compreensão da constituição do *ethos* homossexual.

Outro ponto que sublinhamos sobre o estudo de Silva é que ao focar na atividade e passividade termina reforçando as categorias dicotômicas, excludentes e hierarquizadas que constituem a inteligibilidade heteronormativa (2003). Tal pressuposto epistemológico relacionado às categorizações dicotômicas hierarquizadas da heterossexualidade-homossexualidade que constituem os estudos da homossexualidade foi

problematizado pelos pressupostos epistemológicos da Teoria *Queer* quando sublinha o processo de inteligibilidade em relação às referidas categorias dicotômicas, como será demonstrado mais adiante.

Outro estudo significativo, realizado na Antropologia Social e durante o período da ditadura militar brasileira (1964-1985), é o de Guimarães, que fez sua pesquisa em 1977 e o publica em livro em 2004. A autora enfocou como homossexuais masculinos “entendidos”⁴, de camadas médias, classificavam como inferiores homossexuais mais “afeminados”. A pesquisa, de natureza etnográfica, sublinhou a questão da hierarquização de classe social, dos comportamentos sancionados para o gênero masculino e sua relação com a atividade e a passividade no intercurso sexual.

Nesse caminho, mesmo não tendo condições de uma ruptura com as categorizações dicotômicas indicadas pela Teoria *Queer*, o estudo de Guimarães foi perspicaz ao destacar o processo de hierarquização que os sujeitos da pesquisa faziam entre os homossexuais mais “masculinizados” e os mais “afeminados”. Na atualidade, essa hierarquização é denunciada, desnaturalizada e pode ser compreendida como o dispositivo disciplinar sexual, a heterossexualidade (FOUCAULT, 2007), que hierarquiza os comportamentos instituídos aos corpos, aos gêneros e aos desejos.

Como dito antes, esse dispositivo é constituído em dois momentos

⁴ O termo *entendido* é uma categoria êmica utilizada para homossexuais mais “discretos” em contraposição aos ditos “afeminados”.

históricos: o primeiro é o da heterossexualidade compulsória, que está relacionado à invenção da homossexualidade pela ciência médica, no final do século XIX e início do seguinte. A homossexualidade “foi inventada como patologia e crime e os saberes e práticas sociais normalizadores apelavam para medidas de internação, prisão e tratamento psiquiátrico dos homo-orientados” (MISKOLCI, 2007, p. 6); o segundo momento histórico diz respeito à heteronormatividade. Com a despatologização e descriminalização da homossexualidade, a heteronormatividade configura-se como “marco de controle e normalização da vida de gays e lésbicas, não mais para que se “tornem heterossexuais”, mas com a finalidade de que vivam como eles” (MISKOLCI, 2007, p. 7).

Ainda na Antropologia, outros dois estudos (etnográficos) clássicos na literatura sobre a homossexualidade e a sociedade brasileira são os de Fry e MacRae (FRY, 1982; FRY & MACRAE, 1985). Tais pesquisas destacaram as lógicas classificatórias em relação à homossexualidade por meio das práticas sexuais de atividade e passividade, considerando como variável independente as camadas média e popular da sociedade brasileira. Ou, como sugerido por Carrara & Simões (2007), as pesquisas mapearam as lógicas classificatórias entre tradição e modernidade.

Na lógica moderna, para Fry e MacRae, os indivíduos só são classificados como homossexuais em contexto igualitários – independente

da atividade ou passividade no intercuro sexual em seus relacionamentos com pessoas do mesmo sexo – se pertencem ao processo de socialização dos discursos médicos dos setores de camadas médias da população. Ao contrário da categorização nas camadas médias, os indivíduos ativos na relação sexual, em camadas populares, segundo a lógica tradicional, eram classificados como homens heterossexuais, e os passivos eram denominados de mulheres ou homossexuais.

Já no trabalho de Perlongher (1987), encontramos a problematização da prostituição masculina viril de rua (michês) de São Paulo. A pesquisa focou nos aspectos subjetivos da construção das identidades corporal, de gênero e sexualidade e utilizou a observação participante e entrevistas em profundidade como técnicas de coletas de dados. Analisado após a recepção e popularização do paradigma Pós-Estruturalista e dos seus desdobramentos na Teoria *Queer*, no Brasil, o estudo de Perlongher, mesmo sendo realizado no final da década 1980, trouxe uma relevante contribuição ao destacar as porosidades, ficcionalidade e performatividade dos corpos generificados: macho-fêmea, atividade-passividade, virilidade-feminilidade, heterossexual-homossexual.

Dessa forma, Perlongher expõe que os michês mantiveram suas “identidades” heterossexuais por não abandonarem uma linguagem verbal e gestual da “normalidade” instituída ao gênero masculino, ou seja, em um

olhar contemporâneo, havia uma performatividade de gênero. Os michês não se classificaram como homossexuais porque sua paródia corporal ressaltava o comportamento dos ativos no intercuro sexual com seus clientes homens casados ou solteiros e passivos e ou ativos.

No entanto, encontramos ainda nas pesquisas de Perlongher (1987), de Fry (1982), de Fry e MacRae (1985), de Guimarães (2007) e de Silva (2005), uma compreensão que ora foca nos estudos de comunidade gays, de constituição do *ethos* homossexual, de hierarquização entre atividade/passividade, ora constitui um período de transição para as pesquisas que vêm problematizando as ficcionalidades dos gêneros e das identidades da heterossexualidade e da homossexualidade.

Corroborando com as pesquisas citadas acima em relação à porosidade dos contornos das identidades de gênero e da sexualidade, temos a pesquisa de Parker (1991). Esse autor norte-americano encontrou uma hibridação ou ambivalência entre atividade e passividade nas práticas sexuais de uma cultura brasileira. Tal hibridação converge com as tendências das produções sobre o *ethos* miscigenado da cultura nacional, guardando as especificidades de cada estudo, desde Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Raimundo Faoro a Roberto DaMatta.

Mesmo levando em consideração, no *ethos* nacional, essa hibridação e certa relativização dos termos “bicha” ou “veado” como percebidos por

Parker, esses termos ainda são hegemonicamente utilizados como termos pejorativos em relação aos homossexuais ou a qualquer heterossexual que não corresponda aos padrões instituídos pela ficção de gênero. No entanto, um fenômeno importante aconteceu nos países de língua inglesa em relação ao termo *queer* (palavra de sentido equivalente aos termos “bicha” e “veado”).

O termo *queer*, no seu início, significou “esquisito”. Era usado como uma forma de estigmatizar indivíduos que não correspondiam à heterossexualidade compulsória e naturalizada (LOURO, 2004; MISKOLCI & SIMÕES, 2007a; VITERI, SERRANO & VIDAL-ORTIZ, 2011). Tal expressão conotava desonra, degeneração, pecado, perversão, anormalidade, sendo geralmente relacionada à homossexualidade e ou a qualquer forma de desvio e ameaça à ordem social estabelecida.

Se antes seu sentido era calunioso, foi então, apropriado não apenas como contestador do estatuto de normalidade, mas também como denunciador das instabilidades das identidades relacionadas ao sexo, ao gênero e à sexualidade a partir da década de 1980, em meio ao avanço da epidemia da HIV/AIDS, nos EUA. Tal ressignificação foi realizada por uma variedade de pequenos grupos que denunciavam os efeitos de uma heterossexualidade tida como norma e que posteriormente viria a compor a noção de heteronormatividade, vinda de respostas governamentais à

epidemia e das próprias políticas identitárias hegemônicas nos movimentos feminista, gay e lésbico (MISKOLCI, 2009).

A reflexão que a Teoria *Queer* emplacou foi marcada pela atenção crítica à suposta neutralidade de saberes e práticas, ao trazer à luz pressupostos moralizantes que, frequentemente, revelam-se marcados por intuítos de normalização sexual-social. Tal reflexão contribui para que aqui no Brasil já se comece a ressignificar os termos “bicha” e “veado”, ou seja, desenvolve-se um aprendizado a partir das diferenças (MISKOLCI, 2012).

Por fim, inserida nas reflexões contemporâneas das Ciências Sociais relativas à questão da sexualidade e heteronormatividade, a pesquisa de Miranda (2013) – produzida no campo da Sociologia – teve por objetivo compreender como ocorre o processo de condensação de sentidos por homossexuais masculinos de camada popular a partir de um contexto paródico, em torno das categorias de corpo, gênero e sexualidade. No quadro teórico, o estudo insere-se nas perspectivas Pós-Estruturalistas/Teoria *Queer* e nas abordagens sociológicas sobre categorização social ancoradas na Etnometodologia e na Análise Conversacional.

Tal análise evidenciou resultados que apontam tanto para o reforço das categorias dicotômicas como para desconstruções das referidas categorias. Por um lado, os sujeitos da pesquisa reforçaram um processo de inteligibilidade a partir das categorias heterossexual e homossexual: alguns dos integrantes do

estudo não admitiam que um indivíduo que se definiu como gay pudesse ter algum desejo por mulheres. Eles consideram que esse indivíduo “deu defeito na sua identidade sexual”; por outro lado, esses mesmos integrantes reconheciam que podiam ter desejo por mulheres desde que elas fossem lésbicas e “masculinizadas”. Assim, por meio da paródia corporal, pôde-se perceber, levando em consideração as falas dos entrevistados, que houve um processo de generificação dos indivíduos, isto é, que o corpo, o gênero e a sexualidade são ficcionais. A performatividade é cotidianamente reforçada nas interações sociais e institucionais.

2. Transexualidade e Transgeneralidade

Dentro desta categoria, composta por sua maioria de estudos que pertencem a abordagens desconstrutivistas, enfocam-se travestis, *drags queens* e transexuais. Nesses estudos são apontados os limites de uma ficcionalidade na construção das categorias sexo, gênero e sexualidade. No entanto, um estudo pioneiro, na Antropologia, com esse tema, vem sob o viés construtivista. Silva (1993) realizou uma pesquisa exploratória e etnográfica, na década de 1990, sobre travestis que frequentavam o bairro carioca da Lapa. O autor buscou compartilhar com o público em geral a cotidianidade do mundo das travestis focando na sua dimensão humana (contradições, perplexidades, nobreza e miséria) sem desprezar sensualidade, sexualidade, humor e ironia desses indivíduos. Assim, Silva procurou romper com uma postura hegemônica que

excluía ou concebia as travestis como exóticas, criminosas e caricaturadas. Sua pesquisa pode ser enquadrada nos estudos de comunidades pertencentes às pesquisas qualitativas apontados por Gamson (2010) ao mapear os percursos dos estudos sobre sexualidade.

Na esteira construtivista, Kulick (2008) realiza pesquisa de cunho etnográfico-antropológico, na cidade de Salvador, com o foco na compreensão das práticas de travestis e suas auto classificações em relação às identidades de gênero e sexual. As travestis, na visão de Kulick, não se consideravam homens e nem mulheres. Elas eram “veados” que se sentiam atraídas por homens, como uma combinação singular de atributos femininos e subjetividade homossexual masculina, o que nos estudos mais contemporâneos ganham um enfoque sobre a questão da desestabilização das categorias de sexo, gênero e sexualidade.

Se, por um lado, Kulick denunciou a questão das travestis como indivíduos excluídos da sociedade, mas constituindo certa ambivalência em relação aos contornos do corpo, do gênero e da sexualidade; por outro, Jayme (2001) buscou, em sua pesquisa antropológica, focar na transgeneralização como recurso que desestabiliza o conceito de identidade em uma perspectiva dicotômica e homogênea. Assim, o estudo problematizou a construção das identidades culturais e as relações de gênero na sociedade contemporânea a partir de uma pesquisa etnográfica entre travestis, transformistas e *drags queens* – os transgêneros – realizada em Belo Horizonte e Lisboa.

A autora utilizou a categoria êmica *montagem* para compreender como esses sujeitos da pesquisa reconstróem os gêneros, revelando que essa categoria não possui uma estrutura binária, mas sim, que se refere a multiplicidades. Por meio da montagem, esses indivíduos modificavam corpo e nome, demonstrando a transitoriedade da pessoa e indicando que sua ação foi incorporada⁵, visto que mimetizada e apreendida via corpo e nele observada. Essa noção de incorporação é fundamental para a análise da ação de se montar. Os transgêneros, ao construírem sua identidade, interferindo no próprio corpo, mostraram que o corpo é, ele próprio, um meio de expressão performático com significações culturais.

Nessa linha de análise, Jayme (2001), baseada nos estudos pós-estruturalistas, expôs que o gênero não deve ser compreendido como categoria classificatória, mas sim como uma categoria da diferença que nunca é acabada, por ser uma categoria aberta que se refere às categorizações de pessoas, de objetos e de eventos que estejam vinculados a um imaginário sexual.

Nesse contexto, vale recordar a historiadora pós-estruturalista Joan Scott ao afirmar que, como um elemento constitutivo da inteligibilidade social construída acerca das diferenças percebidas entre os sexos, o gênero implica quatro elementos relacionados entre si:

⁵ Incorporação é um termo utilizado na compreensão das construções dos corpos pelos processos socioculturais por Eduardo Viveiros de Castro em “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio” Mana 2, 1996.

a) símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações (...); b) conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas (...); c) o aspecto político (não apenas nas micro-relações – parentesco, mas também as de nível macro – mercado de trabalho, economia, educação) (...); e d) o aspecto da identidade subjetiva (1996, p. 11-12).

Dessa maneira o estudo de Jayme, sublinhando o processo de inteligibilidade via as diferenças entre os sexos, alerta para considerarmos o gênero como categoria aberta em um processo de condensação de sentidos vinculados a um tempo e espaço.

Continuando na perspectiva da abordagem desconstrutivista, desta vez na área da psicologia social, trazemos o estudo de Chidiac e Oltramari (2004). Os autores publicaram uma análise cujo título anuncia a problematização entre uma identidade mais homogênea e um processo de identificação mais heterogêneo ao dizer que as *drags queens* encontram-se entre os verbos ser e estar. O principal objetivo foi mapear o processo de formação da identidade *queer* das *drags queens*, do circuito Balneário Camboriú e Florianópolis, visando o processo de sua identificação com os gêneros feminino e masculino. Os autores debruçaram-se também sobre a identificação de como se estabeleceu a relação entre o sujeito e seu personagem *drag queen*, tendo como referência a questão da sexualidade e a superação das dicotomias entre masculino e feminino.

Os dados foram obtidos por meio de pesquisa exploratória com três indivíduos, e utilizando-se de entrevistas semiestruturadas. Seus resultados apontaram para a configuração de uma identidade *queer* como fronteira flutuante apesar de a Teoria *Queer* propor uma política pós-identitária; sendo essa configuração vinculada a um processo de socialização de ambos os gêneros e de transformações corporais.

Na mesma abordagem desconstrutivista, porém migrando do campo da Psicologia Social para o da Antropologia, temos o estudo de Vencato (2008). A autora analisou as *drags queens* em espaço de sociabilidade de *gays*, lésbicas e simpatizantes (GLS)⁶ e seu aprendizado de se montarem como um tipo de *cross-dressing* em Florianópolis. Nesse estudo etnográfico, Vencato apresentou a construção da corporalidade de *drag queen* no processo de *female impersonation* – via esse processo, os sujeitos se montam ao efetuarem um tipo de *cross-dressing* – focando a socialização do referido processo de se montar e o engendramento da personagem, tendo como base sua descrição e seu significado para o grupo pesquisado. Vale destacar que a autora descreve uma taxonomia êmica das *drags queens*.

Nesse mesmo percurso da desestabilização de categorias de sexo, gênero e sexualidade, Damásio (2006), em seu estudo, centrou-se nas

⁶ Apesar de a sigla GLS ter sido transformada em LGBTTTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e *Intersex*) por uma demanda dos movimentos sociais em abarcar as relações de poder e a diversidade das identidades sexuais, mantém-se o termo utilizado pela autora, na realização da pesquisa.

travestis e nas *drags queens* que frequentavam o circuito gay das noites natalenses. A técnica de coleta de dados utilizada foi entrevistas não estruturadas, realizadas nas residências dos participantes da pesquisa. De natureza etnográfica, a pesquisa antropológica, além de traçar uma cartografia de corpos fluidos, ambíguos, desconcertantes, “abjetos”, possibilitou a identificação de como os participantes experienciaram e significaram seus corpos. Damásio, em um primeiro momento, evitou definir o que seria *drag queen* ou travesti para não as enquadrar em uma lógica taxionômica que não dava conta da fluidez inscrita nesses corpos.

A pesquisadora destacou que houve aspectos hierárquicos dentro e fora do universo homossexual, mesmo entre os denominados de “metamorfozes de gênero” (*drags queens*, travestis). Essas hierarquias foram materializadas nas falas colhidas em campo e na forma de disposição dos espaços gays. Para a autora, a abjeção se aplicou mais ao corpo travesti por este não constituir um estatuto de sujeito e uma vida social tradicional. Dessa forma, socialmente, não há espaço para a existência de fronteiras corporais cambiantes como no caso das travestis.

A mesma falta de espaço para desconstruções dos pares dicotômicos, hierarquizados e excludentes, e o conseqüente reforço da lógica da abjeção em relação às travestis não são vivenciados pelas *drags*, uma vez que o estatuto provisório que o ato de montar-se ofereceu dá possibilidade de retorno a

um corpo autorizado e hegemônico em uma lógica de inteligibilidade heteronormativa.

Assim como Damásio (2006), Silva Junior (2008) também estudou *drags queens*, mas na cidade de Porto Alegre. Sob uma perspectiva desconstrutivista e antropológica, o autor alegou que travestis, transexuais e transgêneros dizem respeito a novas formas de materialização do gênero, e esse estatuto é reivindicado por esses sujeitos. O autor sublinhou que por meio do riso e de brincadeiras as *drags* conseguiam borrar as categorias heteronormativas: macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual. Assim, as *drags* se utilizaram da lógica da abjeção para confundir e brincar com este processo subvertendo a ordem hegemônica pela ambiguidade.

Partindo dessa estrutura hegemônica em relação à heteronormatividade, a estudiosa Silva (2008) contemplou dois elementos centrais em sua pesquisa antropológica com travestis da região metropolitana de Recife. O primeiro diz respeito à análise do controle social e às formas efetivas em que travestis foram alocadas nas camadas mais inferiores da hierarquia social. Quanto ao segundo, sublinhou as táticas que essas travestis utilizaram para driblar esquemas de exclusões sociais constituindo uma resistência ao seu assujeitamento por meio de sua experiência. Assim, identificamos nessa pesquisa o realce à dimensão praxiológica das travestis, aspecto que ganha relevo nos estudos de Bento (2006).

Situados na Sociologia, os estudos de Bento com a temática da transexualidade⁷ analisaram as narrativas de sujeitos transexuais (homens e mulheres) no Brasil (em Goiânia) e na Espanha (em Valência). Visando à desconstrução do “transexual de verdade” e à despatologização da experiência, a autora elegeu como objetivo problematizar a concepção hegemônica que afirma ser a cirurgia de transgenitalização uma expressão do desejo das pessoas transexuais pela satisfação sexual. O desejo dos sujeitos da pesquisa não seria pela busca de uma satisfação sexual, mas sim pela inserção na vida social, sendo essa busca encoberta pelo dispositivo⁸ de transexualidade. Tal ambiguidade não é percebida por meio da interiorização das verdades engendradas pelo dispositivo nesses indivíduos. O saber/poder médico concebe as pessoas transexuais como tendo total abjeção por seus corpos, inventando-as como seres assexuados. Bento expôs, ainda, que as narrativas apresentaram diversidade de experiências que se contrapuseram aos desejos classificatórios universalizantes e diferenciadores que inferiorizam, enquanto “seres transtornados”, “enfermos mentais”, as pessoas transexuais. Dessa maneira, a autora foi para as narrativas que subvertiam a ordem hegemônica do dispositivo transexual do biopoder-biomédico.

⁷ Vale ressaltar que a tese, publicada 2006, foi pioneira no campo sociológico por ter como objeto de estudo a transexualidade.

⁸ Interessante sublinhar que o termo “dispositivo” como objeto da descrição genealógica, em Foucault, decorre da necessidade da análise do poder, na relação entre o discursivo e não discursivo (CASTRO, 2009, p. 401), como dito anteriormente.

Por fim, temos o estudo de Borba e Ostermann (2008), situado no campo da sociolinguística, que permitiu um enfoque distinto em relação à temática *trans*. A pesquisa com travestis – profissionais do sexo, no sul do Brasil – demonstrou que houve preferência êmica pelas formas gramaticais femininas. No entanto, as tensões sociais fizeram com que elas usassem o masculino quando: a) falavam sobre suas vidas antes das transformações corporais; b) havia algum tipo de conflito entre as travestis; c) relatavam sobre si em suas relações familiares; d) e reportavam discursos produzidos por outros ao se referirem a elas. Tais usos permitiram que os autores afirmassem que as travestis empregavam o gênero gramatical – masculino e feminino – do Português como estratégia linguística na manipulação de suas identidades e das identidades de sua comunidade.

3. Homossexualidades e *mídia*

As pesquisas sobre *mídia* e homossexualidade podem ser concebidas como pertencentes ao eixo da análise textual (RIAL, 2005). Tal eixo concentrou seus estudos nas retóricas da *mídia*, examinando as mensagens produzidas pelo emissor tanto em relação às falas como às imagens e suas implicações nos processos culturais. As análises nesses estudos focaram nas representações sobre a inteligibilidade em relação ao corpo, ao gênero e à sexualidade. Essas pesquisas, por um lado, explicitaram e denunciaram a

veiculação de representações em harmonia com os padrões hegemônicos e, por outro, indicaram representações subversivas que desestabilizaram padrões naturalizados em relação às categorias sexo, gênero e sexualidade.

As análises referentes ao que mencionamos acima podem ser encontradas no estudo da antropóloga Maluf (2005). A autora analisou o filme *Tudo sobre minha mãe* (1999), do diretor Almodóvar, afirmando que o diretor, ao colocar um marido com um par de seios e uma freira que engravida desse travesti, tematiza questões sobre o corpo e o gênero (fenômeno transgênero), problematizando as categorias de macho-fêmea, homem-mulher e heterossexualidade-homossexualidade. Para a autora, quando Almodóvar rompe com o ocultamento do corpo travesti, exhibe a ficcionalidade das categorias de sexo, gênero e sexualidade. Esse corpo paródico, também fabricado, rompe com a perspectiva essencialista entre natureza e antinatureza. Sua autenticidade, sua “natureza”, estaria no processo de fabricação.

Enquanto Maluf apresenta a *mídia* em favor da desestabilização das categorias hegemônicas, Moreno (2002), inserido na área da comunicação, denuncia o aspecto conservador da *mídia*, o que nos leva a inferir o caráter ambivalente da *mídia* nas representações produzidas sobre sexo, gênero e sexualidade.

Moreno analisou as representações sobre os homossexuais veiculadas em 125 filmes produzidos entre as décadas de 1940 e 1990. O estudo se debruçou nas imagens- gestualidades e narrativas fílmicas, contextualizando essas produções na história cinematográfica brasileira. O autor concluiu o estudo em uma perspectiva desanimadora em relação ao retrato existencial, social e cultural dos homossexuais. Apontou o caminho hegemônico tomado para retratar o homossexual por meio de discursos pejorativos, gestualidades estereotipadas e a carnavalização. Esse caminho produziu um personagem-tipo como: afetado, com gritinhos, de gestual espalhafatoso, ou seja, como a “bicha-louca”. Com a cumplicidade da plateia e a busca do riso fácil, por um lado, ridicularizou-se o homossexual, dando-lhe o aspecto de bobo da corte e, por outro, foi colocado como depravado, doentio e criminoso, “anormal”. Tal perspectiva, compreendida pelo contexto epistemológico e teórico da época da produção do estudo, teve como preocupação denunciar o processo de discriminação e estigma sobre a homossexualidade. No entanto, toda a análise feita por Moreno fica no âmbito das representações e não das desconstruções ontológicas propostas por Butler (2003, 2008).

Também na área da comunicação, a pesquisa de Zanforlin (2005) excede o estudo de Moreno por congrega as perspectivas midiáticas conservadoras e desestabilizadoras em relação ao macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual. A autora, a partir da

análise de uma série televisiva, identificou rupturas nas representações predominantes sobre os homossexuais, sejam soropositivos ou bobos da corte (*clown*).

No entanto, Zanforlin indicou que existiu a manutenção de alguns estigmas sobre a feminilidade e de modelos de papéis desenvolvidos nas famílias tradicionais e na assunção da homossexualidade. As imagens e mensagens acerca do feminino estiveram baseadas em um padrão hegemônico de feminilidade em relação a algumas personagens do seriado. Esses padrões foram: a maternidade, a abnegação ao parceiro, a fragilidade, sensibilidade, capacidade de compreensão, doação. Houve também personagens masculinos que foram relacionados à feminilidade hegemônica, caracterizados por trejeitos exageradamente “femininos”, uma “bicha-louca”.

Nesse caminho, Zanforlin, focou suas observações nas representações “positivas” e/ou “negativas” veiculadas na *mídia* acerca da comunidade homossexual, porém não constituiu como pressupostos epistemológicos a desestabilização dos pares dicotômicos, excludentes e hierarquizados, problematizados pelos teóricos do Pós-Estruturalismo e da Teoria *Queer*.

Construtivismo e desconstrutivismo: uma inteligibilidade da sexualidade

Ao finalizar a apresentação das pesquisas é possível fazer algumas observações gerais: 1) Os estudos mais clássicos, tais como os de Silva (1993) ou de Kulick (2008), denunciaram um olhar excludente por parte da sociedade sobre as travestis e apontaram em suas análises a existência de corpos ambíguos, porém não afirmaram essa exclusão como parte necessária da possibilidade da existência de corpos considerados “normais”, perspectiva Pós-Estruturalista; 2) O estudo de Perlongher (1987) é considerado um marco na literatura das pesquisas sobre homossexualidade por ter identificado, como exposto anteriormente, que as identidades sexuais não são tão homogêneas quanto aparentavam, além de ter revelado a complexidade da prostituição masculina e a relação de poder do cruzamento de variáveis: atividade/passividade e camada popular e média. Contudo, não foi interesse da pesquisa identificar os processos de desestabilização das categorias hegemônicas sobre a heterossexualidade (sexo, gênero e sexualidade); 3) Por outro lado, os estudos sobre *drags queens* (JAYME, 2001; CHIDIAC & OLTRAMARI, 2004; VENCATO, 2008; DAMASIO, 2006; SILVA JUNIOR, 2008) focaram sua atenção na identificação da ficcionalidade e na desnaturalização das categorias de sexo, gênero e sexualidade sublinhando a desestabilização dessas categorias. Todavia, esses estudos não problematizaram as estratégias de seus atores em

relação à estrutura da heteronormatividade; 4) Os estudos relacionados às temáticas da homossexualidade masculina (FRY, 1982; FRY & MACRAE, 1985; SILVA, 2005; GUIMARÃES, 2007); e homossexualidade e *mídia* (MORENO, 2002; MALUF, 2005; ZANFORLIN, 2005), por serem em sua maioria relacionados à Antropologia, utilizam a etnografia e observações como recurso metodológico. Em segundo lugar, os recursos metodológicos foram entrevistas e análises dos discursos e/ou análises das representações veiculadas pela *mídia*; 5) Destoando das pesquisas acima, os estudos de Bento (2006), na Sociologia, e de Silva (2008), na Antropologia, abordaram questões sobre a relação entre ação e estrutura social. Bento, sob a perspectiva do pós-estruturalismo, denunciou o dispositivo transexual e de como os sujeitos de sua pesquisa, na medida do possível, escapavam a esse controle. E Silva usou a categoria “tática” para indicar a forma como as travestis pesquisadas desenvolviam atitudes para lidar e resistir a uma estrutura social opressora e excludente.

Ainda, no que diz respeito ao campo disciplinar, a Antropologia apresenta maior concentração, com treze pesquisas, e situadas em todas as áreas temáticas recorrentes no conjunto do nosso levantamento bibliográfico. A sociologia ocupa a segunda posição com três trabalhos, sendo dois referentes à homossexualidade masculina e um à transexualidade e transgeneralidade; Tanto a psicologia social como a sociolinguística

desenvolveu estudo concernente à temática da transexualidade e da transgeneralidade. E, por fim, a comunicação social contribui com dois trabalhos, na temática da homossexualidades e *mídia*.

Quanto às abordagens teórico-metodológicas, todos os estudos apresentam um viés do construtivismo social e do desconstrutivismo, e em termos de métodos os mais recorrentes foram etnografia, observação participante e entrevistas estruturadas, semiestruturadas e não-estruturadas. Aspecto este que pode ser compreendido considerando que a Antropologia é a disciplina majoritária no conjunto desses estudos.

Contudo, parece-nos, como indicado pelos estudos aqui expostos, que ainda é tímida a produção de pesquisas com viés desconstrutivista e que privilegie o processo categorial sobre macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual realizado por homossexuais masculinos e femininos. Assim, ao traçar os percursos que tais pesquisas vêm assumindo dentro dessas temáticas, evidenciamos os avanços dessa produção assim como a necessidade de futuros trabalhos que possam impulsionar a produção de estudos que coloquem em questão a prática da sexualidade heteronormativa.

Referências

BENTO, Berenice. 2006. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. 2000. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.

BORBA, Rodrigo; OSTERMANN. 2008. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.16, n.2, maio/ago.

BOZON, Michel. 2004. *Sociologia da Sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV.

BUTLER, Judith. 1987. Variações sobre sexo e gênero. In: BENHABIB, Seyla;

_____. 2003. *Problemas de gêneros: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. 2008. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos Del “sexo”*. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. 2007. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade sexual masculina na antropologia brasileira. In: MISKOLCI, Richard; SIMÕES, Júlio Assis. (Org.). *Cardenos Pagu: querer*. Campinas: Unicamp.

CASTRO, Edgardo 2009. Vocabulário de Foucault — um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Muller Xavier; revisão técnica de Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica.

CHIDIAC, M^a Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. 2004. Ser ou estar *drag queen*: um estudo sobre a configuração da identidade queer. *Estudos de Psicologia*, v. 9, n. 3.

DAMÁSIO, Anne Christine. 2006. Deslizando entre corpos: um estudo etnográfico sobre travestis e *drags queens*. *Anais do VII Seminário Fazendo Gênero*.

DERRIDA, Jacques. A farmácia de Platão. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FACCHINI, Regina. 2005. Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond.

FOUCAULT, Michel. 2003. Sexo, poder e indivíduo. Florianópolis, Nefelibata.

_____. 2007. História da sexualidade I: a vontade de saber. São Paulo: Edições Graal.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. 1985. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Brasiliense.

FRY, Peter. 1982. Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Zahar.

GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. [et. al.]. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GUIMARÃES, Carmen Dora. 2004. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond.

HEILBORN, M^a Luiza. 1999. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, M^a Luiza (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. 2004. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond.

JAYME, Juliana Gonzaga. 2001 Travestis, transformistas, *drags queens*, transexuais: identidade, corpo e gênero. In: *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*.

KULICK, Dom. 2008. *Travesti, prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fio Cruz.

LOYOLA, María Andrea. 1999. A sexualidade como objeto de estudo das Ciências Humanas. In: HEILBORN, M^a Luiza (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

MALUF, Sônia Weidner. 2005. Corporalidade e desejo: tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. In: FUNCK, Susana B.; WIDHOLZER, Nara. (Org.). *Gênero em discursos da mídia*. Florianópolis: Ed. Mulheres/Santa Cruz do Sul.

MARTINS, Paulo Henrique. 2007. De Lévi-Strauss a M.A.U.S.S. - Movimento antiutilitarista nas ciências sociais: itinerários do dom. Rev. bras. Ci. Soc. fev; 23(66):105-30.

MIRANDA, Marcelo H. G. de. 2013. *Condensação de Sentidos e Paródia: categorização social sobre sexo, gênero e sexualidade*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MISKOLCI, Richard; SIMÕES, Júlio Assis. (Org.). 2007. *Cardenos Pagu: querer*. Campinas: Unicamp.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan/junho, 2009.

MORENO, Antônio. 2002. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Rio de Janeiro; Niterói: Funarte; EdUFF.

PARKER, Richard G. 1991. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil Contemporâneo*. 3ed. São Paulo: Editora Best Seller.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. 1987. *O Negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense.

PETERS, Michel. **Rubedo – Revista de Literatura**. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/Artlivro/estpost.htm>>. Acesso em: 19 mar. 2009.

RIAL, Carmen S. 2005. Mídia e sexualidade: breve panorama dos estudos de mídia. In: *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. Tradução: Chistine R.

Dabat e Maria B. Ávila. Recife: SOS Corpo, 1996.

SILVA, Adrianna Figueiredo Soares da. 2008. “*Se pudesse ressurgir eu viria como o vento*” *Das narrativas da dor: um estudo sobre práticas de modificações corporais e afetividades na ‘experiência da travestilidade’*. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SILVA, Hélio R. S. 1993. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

SILVA, José Fábio Barbosa. 2005. Homossexualismo em São Paulo. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo. (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: ENESP.

SILVA JUNIOR, Aureliano Lopes da. 2008. God save the queen: a transgressão e o vazio no universo de riso das *drags queens*. *Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis, ago.

VENCATO, Anna Paula. 2008. O que faz uma mulher, mulher? Sexualidade, classes e geração e a produção do corpo e do gênero em homens que praticam crossdressing. In: SIMPÓSIO TEMÁTICO 18: INTERSECCIONALIDADES E PRODUÇÃO DE DIFERENÇAS E DESIGUALDADES, 2008, Florianópolis. *Fazendo Gênero 8: corpo, violência e poder*. Florianópolis, SC.

ZANFORLIN, Sofia. 2005. *Rupturas Possíveis: representação e cotidiano na série Os Assumidos (Queer as Folk)*. São Paulo: Annablume.

